

## GRAMSCI E O ENCONTRO COM O MUNDO ÁRABE

*Gramsci and the encounter with the Arab world*

*Gramsci e l'incontro con il mondo arabo*

*Patrizia Manduchi<sup>1</sup>*

*Alessandra Marchi<sup>2</sup>*

### RESUMO

O artigo resulta de pesquisas, na perspectiva gramsciana, sobre a história dos países islâmicos e de atividades do Laboratório de Estudos Internacionais Gramsci da Universidade de Cagliari (Gramsci Lab), que reconstróem as etapas e os desenvolvimentos de um processo que, ao longo dos anos, possibilitou a penetração do pensamento do autor dos Cadernos do Cárcere no mundo árabe. Realidades nas quais o tema da tradutibilidade filosófica assume um indubitável interesse político, devido à incidência de contradições, conflitos e processos revolucionários desencadeados pela dialética entre o legado colonial e o presente desses países e as lutas dos povos dessa parte do mundo, pela emancipação dos paradigmas da civilização ocidental, impostos à força ao longo dos séculos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Antonio Gramsci, países islâmicos, tradutibilidade filosófica, paradigmas da civilização ocidental.

### ABSTRACT

The article is the result of research, from a Gramscian perspective, into the history of Islamic countries and the activities of the Gramsci International Studies Laboratory at the University of Cagliari (Gramsci Lab), which reconstruct the stages and developments of a process which, over the years, has made it possible for the thought of the author of Prison Notebooks to penetrate the Arab world. Realities in which the theme of philosophical translatability assumes an undoubted political interest, due to the incidence of contradictions, conflicts and revolutionary processes triggered by the dialectic between the colonial legacy and the present of these countries and the struggles of the peoples of this part of the world, for emancipation from the paradigms of Western civilization, imposed by force over the centuries.

**KEYWORDS:** Antonio Gramsci, Islamic countries, philosophical translatability, paradigms of Western civilization.

### RIASSUNTO

L'articolo è il risultato di una ricerca, in prospettiva gramsciana, sulla storia dei paesi islamici e sulle attività del Laboratorio di Studi Internazionali Gramsci dell'Università di Cagliari (Gramsci Lab), che ricostruiscono le tappe e gli sviluppi di un processo che, nel corso degli anni, ha reso possibile la penetrazione del pensiero dell'autore dei Quaderni del carcere nel mondo arabo. Realtà in cui il tema della traducibilità filosofica è di

<sup>1</sup> Professora do Departamento de Ciência Política e Social da Universidade de Cagliari. Diretora do Laboratório de Estudos Internacionais Gramsci da Universidade de Cagliari (Gramsci Lab)

<sup>2</sup> Pesquisadora e Membro do corpo diretivo do Laboratório de Estudos Internacionais Gramsci da Universidade de Cagliari (Gramsci Lab)

indubbio interesse político, per l'incidenza di contraddizioni, conflitti e processi rivoluzionari innescati dalla dialettica tra l'eredità coloniale e il presente di questi Paesi e le lotte dei popoli di questa parte del mondo per l'emancipazione dai paradigmi della civiltà occidentale, imposti con la forza nel corso dei secoli.

**PAROLE CHIAVE:** Antonio Gramsci, Paesi islamici, traducibilità filosofica, paradigmi della civiltà occidentale.

## INTRODUÇÃO<sup>3</sup>

Com esta contribuição pretendemos oferecer uma breve reconstrução das formas e etapas da penetração do pensamento de Gramsci no debate político e cultural em alguns países árabes, desde os anos 1970, até os recentes eventos revolucionários e suas consequências muitas vezes dramáticas. Em síntese, três fases principais podem ser destacadas: o início com as primeiras referências a Gramsci, por acadêmicos e ativistas políticos, nos anos 1970-1980; a expansão da recepção do pensador sardo nas universidades e nos novos movimentos da sociedade civil, nos anos 1990-2000; e finalmente, a fase de renovado interesse pelas reflexões e aplicações mais recentes de Gramsci, especialmente, em relação à leitura das revoltas de 2011 e dos dramáticos eventos pós-revolucionários.

Os últimos anos coincidem com a progressiva redução das esperanças de mudança social e econômica, e uma democratização efetiva dos sistemas políticos árabes, mas também com a incessante “resistência” colocada por vários protagonistas das lutas revolucionárias que não pararam com a primeira onda de 2011.

### 1. O GRAMSCI DOS MILITANTES

A maioria dos estudiosos e observadores ressaltam que, após a amarga derrota contra Israel em 1967, a morte repentina do Presidente Nasser em 1970 e a quarta guerra árabe-israelense em 1973, há uma mudança bastante perceptível no mundo árabe do ponto de vista ideológico. O Pan-arabismo e o nasserismo, as ideologias seculares, nacionalistas e socialistas, o terceiro mundo e o não-alinhamento parecem dar lugar a uma visão política mais conservadora e “islamicamente” conotada.

<sup>3</sup> Texto original em italiano traduzido por Maria Margarida Machado.

O debate político árabe começa a girar em torno de temas que tomam sua pista, num contexto de fracasso geral das políticas e instituições dos novos Estados árabes, da desilusão que se seguiu às esperanças suscitadas pelos regimes que chegaram ao poder com independência nacional e da grande fé depositada nas capacidades inquestionáveis dos vários “pais da nação”. Temas até então indefesos como cultura e tradição, Islamismo e identidade, modernidade e democracia, intelectuais e as massas, adquirem centralidade.

Alguns estudiosos falaram de uma fase de retiro cultural, contextual para um “renascimento”, ou “vingança” (KEPEL, 1991), do Islã. As correntes seculares, marxistas e comunistas, que são fortes em muitos contextos árabes, entram em crise ou, de qualquer forma, têm que aceitar uma contradição bastante acentuada com o Islã político (JABAR, 1997; TAREQ, 2005; GERVASIO, 2010; GUIRGUIS 2020).

Neste momento de crise, começa-se a ler e questionar, entre outros, o pensamento até então quase desconhecido do comunista sardo Antonio Gramsci, que é de particular interesse por sua utilidade em fornecer novos modelos e novas chaves, para ler e interpretar a própria realidade; em outras palavras, Gramsci é acolhido como “um guia paciente e um pedagogo que ajuda a evitar dificuldades e caminhos falsos e ilusórios” (EL-KENZ, 2017, p. 218).

Não diferente de outras áreas do mundo, especialmente da América do Sul e do subcontinente indiano, Antonio Gramsci também foi descoberto/redescoberto e lido/lido em países árabes, embora seguindo perspectivas analíticas muito distantes das tradicionais, com uma maior liberdade de abordagem e um novo vigor de análise, que fez florescer os estudos em torno de seu pensamento (MANDUCHI, 2010, p. 141).

São temas novos, aqueles gramscianos, para os pensadores árabes de esquerda da época: por exemplo, o tema da cultura (*thaqāfa*) e o papel do intelectual (*muthaqqaf*) e sua relação com o poder político, intimamente interligados com o tema da hegemonia (inicialmente traduzido pelo termo impróprio *haymana*).

Não é surpreendente que os precursores deste novo conhecimento sejam pensadores árabes, frequentemente residentes na Europa ou nos Estados Unidos (ou em qualquer caso fortemente influenciados pelos debates que se desenvolveram no mundo ocidental) que, graças à primeira tradução para o inglês das seleções dos *Cadernos do*

*carcere*<sup>4</sup> e outras contribuições publicadas internacionalmente<sup>5</sup>, ou por causa de sua proximidade com o pensamento dos estudiosos gramscianos europeus, como no caso de Louis Althusser, começaram a se aproximar do pensamento de Gramsci: Annouar Abdelmalek, Abdallah Laroui, Tahar Labib, Hisham Sharabi, Edward Said, só para citar o mais conhecido.

As primeiras leituras obviamente não estão na língua original, embora desde os anos 1970 haja uma certa vivacidade editorial, que leva às primeiras traduções dos escritos de Gramsci para o árabe, parcial e, de qualquer forma, traduzida na grande maioria dos casos do inglês ou do francês. *Al-amīr al-hadīth* (O Moderno Príncipe)<sup>6</sup>; *Ghārāmshī: dirāsāt mukhtāra* (Gramsci: escritos escolhidos)<sup>7</sup>; *Al-majālis al-'ummāliyya* (Os Conselhos de Fábrica)<sup>8</sup>; *Fikr Ghārāmshī: mukhtārāt* (O Pensamento de Gramsci: partes selecionadas)<sup>9</sup>; *Qadāyā al-māddiya al-tārīkhiyya* (Questões do Materialismo Histórico)<sup>10</sup>; *Kurrasāt al-sijn* (Cartas do Cárcere)<sup>11</sup>.

Também em Beirute, os já mencionados *La pensée politique de Gramsci* de J.M. Piotte (1975)<sup>12</sup>, e *Antonio Gramsci and the Origin of Italian Communism* de J.M.

<sup>4</sup> As seleções mais utilizadas são: L. MARKS, *The Modern Prince and other writings by Antonio Gramsci*. London, Lawrence and Wishart, 1949; J.Q. HOARE e G. NOWELL-SMITH. *Selections from the Prison Notebooks of Antonio Gramsci*. New York, International Publishers, 1971.

<sup>5</sup> Por exemplo, as primeiras traduções foram: J. CAMMETT. *Antonio Gramsci and the Origin of Italian Communism*, Stanford, Stanford University Press, 1967; J.M., PIOTTE. *La pensée politique de Gramsci*, Paris, Éditions Anthropos, 1970.

<sup>6</sup> Tradução do francês de Zāhī Sharfān e Qays al-Shāmī, Beirut, Dār al- talī'a, 1969. Sob os pseudônimos estão na realidade o francófono Waddah Charara (b. 1942), um dos membros fundadores do colectivo socialista Líbano, e o sírio e anglófono Aziz al-Azmeh (b. 1947), que depois utilizou ambas as línguas para a sua tradução para o árabe.

<sup>7</sup> Tradução de Mikhail Ibrahim Makhawwal (dall'edizione francese J. Texier, *Gramsci, Présentation, choix de texts, biographie, bibliographie*, Paris, Seghers, 1966), Damasco, Ministero della Cultura, 1972.

<sup>8</sup> Tradução do italiano de 'Afīf al-Razzāz, Beirut, Dāral-talī'a, 1975.

<sup>9</sup> Tradução de Tahsīnash-Shaykh 'Alī (da *Antologia popolare degli scritti e delle lettere di Antonio Gramsci*, di C. Salinari e M. Spinella), Beirut, Dāral-Farābi, vol. I:1976, vol. II: 1978.

<sup>10</sup> Tradução do francês de Fawwāz Tarābulī, Beirut, Dāral-talī'a, 1971.

<sup>11</sup> Il Cairo, Dār al-mustaqbalal-'arabī, 1994. Tradução do inglês de 'Adil Ghunaym da *Selections from the Prison Notebooks*, a cura di Q. Hoare e G. Nowell-Smith, London, Lawrence & Wishart, 1978.

<sup>12</sup> Traduzido de George Tarābīshī con il titolo *Fikr Ghārāmshī al-siyāsī*, Beirut, Dāral-talī'a, 1975.

Cammett (1984)<sup>13</sup>, os dois textos clássicos sobre Gramsci que abriram o conhecimento internacional do pensamento do político sardo, foram traduzidos para o árabe.

Fortemente inspirados por Gramsci, portanto, alguns estudiosos árabes, militantes da esquerda, aventuravam-se nas primeiras traduções e divulgações em árabe (LABIB, 1981; BROWERS, 2021), começando a colocar em prática uma estratégia precisa para difundir sua perspectiva política, não através dos aparatos partidários usuais, mas através da atividade em organizações de massa; utilizando, na expressão do sociólogo palestino Salim Tamari, estratégias para passar “de uma política de frente às intrusões civis” (BROWERS, 2007, p. 90)<sup>14</sup>.

## 2. O GRAMSCI DOS ESTUDIOSOS

A implosão da União Soviética em 1989 e a radicalização simultânea do Islã político, no debate no mundo árabe, também como consequência do fim da guerra, desencadeada pela invasão soviética do Afeganistão, são os dois principais fenômenos que caracterizam a década seguinte (BROWERS, 2021).

O contexto em que esta nova fase de difusão do pensamento de Gramsci, no mundo árabe, se desenvolve é, portanto, muito diferente da anterior: um atraso político, social e econômico geral, a difusão do autoritarismo, a subjugação cada vez mais dramática aos imperativos do neoliberalismo ocidental, a presença de um islamismo político cada vez mais forte.

No entanto, foi justamente neste período difícil, tendo superado a fase de um conhecimento inicial, muitas vezes fragmentado e episódico, que uma maior frequência e continuidade das referências gramscianas começou a surgir em vários campos: não apenas nos estudos políticos, filosóficos e sociológicos, mas também nos estudos literários, pedagógicos, etc.

A presença de estudiosos “Gramscianos” de origem árabe começou a se tornar mais visível: pela primeira vez um intelectual árabe, o sociólogo tunisiano Tahar Labib, com um trabalho intitulado “Gramsci no Mundo Árabe”, participou de uma conferência

<sup>13</sup> Traduzido de Afif al-Razzāz con il titolo *Ghāramshī, hayātuhuwa ‘amāluhu*, Beirut, Mu‘āssasāt al-abhāth al-‘arabiyya lī’l-dirāsāt wa’l-nashr, 1984.

<sup>14</sup> A autora cita TAMARI, 1992, p.18.

internacional sobre Gramsci no Mundo, realizada em Formia (25-28 de outubro de 1989). Dois anos mais tarde, em Cagliari, na conferência intitulada *Homenagem a Gramsci*, o palestino Faysal Darraj não pôde estar presente devido a dificuldades, após o início da Guerra do Golfo, mas enviou seu trabalho.

Duas conferências importantes e específicas sobre Gramsci foram organizadas no mundo árabe, a uma distância muito curta uma da outra, ambas em 1989, marcando o 50º aniversário de sua morte<sup>15</sup>: a primeira foi realizada em Tunis (*Gramsci et le monde arabe*, 24-26 de fevereiro de 1989), organizada pelo Instituto Superior de Animação Cultural (*al-ma'had al-'ālī li-l-tanshīt al-thaqāfī*; ISAC), o Instituto Italiano de Cultura, a Universidade de Tunis e o Instituto Gramsci de Roma.

A segunda conferência, cujos anais completos estão disponíveis em árabe, foi realizada no Cairo em novembro de 1989. Com o título *Qadāyā al-mujtama' al-madānī al-'arabī fī daw'utruhāt Ghāramshī* (A Questão da Sociedade Civil Árabe à Luz das Teses de Gramsci), o mesmo título das atas foi publicado pela editora *Dār al-Kan'ān li-l-dirāsāt wa al-nashr* em Damasco, em 1991. A conferência, organizada pelo Centro de Estudos Árabes do Cairo e pelo Grupo Árabe de Sociologia com sede em Tunis, foi inteiramente dedicada à categoria gramsciana da sociedade civil (*al-mujtama' al-madānī*), um tema que as mudanças ocorridas, naqueles anos a nível político na Europa Central e Oriental (mas também em muitas áreas do mundo árabe), haviam trazido à tona.

### 3. O GRAMSCI DAS “PRIMAVERAS”

Muito tem sido escrito sobre *thawrāt* (revoluções) árabes e muitos estudiosos, tanto árabes como não árabes, têm tentado ler os complexos e, de certa forma surpreendentes, acontecimentos daqueles meses e, sobretudo, as graves consequências políticas que se seguiram.

No debate que surgiu entre estudiosos árabes e não-árabes, sobre a leitura dos eventos pós-2011, não poucos recorreram diretamente às categorias ou expressões gramscianas.

<sup>15</sup> Aniversário que aconteceu em realidade, como sabemos, em 1987.

Em outras palavras, começamos a falar de Gramsci novamente em relação ao mundo árabe, mas menos em termos do intelectual tradicional/orgânico, hegemonia e/ou sociedade civil, e muito mais como uma chave para ler e interpretar as convulsões populares de 2011, abordando a questão da revolução e da revolução passiva (MANDUCHI 2017, 2019).

Nesta última fase da utilização das reflexões gramscianas, como será visto nos parágrafos seguintes, com as contribuições de autores árabes, a produção de autores ocidentais que propõem leituras que se referem, explicitamente, a Gramsci nas análises dos processos revolucionários, suas criticidades e consequências, mas também nas análises que releram as últimas décadas, numa perspectiva de continuidade das revoltas populares e eventos conflituosos, que pontuaram a história política dos países árabes.

Em conclusão, portanto, entre os primeiros “desbravadores” esporádicos dos anos 1970 e as produções das primeiras décadas do Século XXI, uma certa continuidade no uso de Gramsci, como referência política e intelectual, pode ser discernida no mundo árabe (e do mundo árabe). Portanto, deve ser reiterado que as modalidades e o momento da difusão do pensamento de Gramsci, no contexto árabe islâmico, não diferem muito das do resto do mundo, e as dificuldades ou supostos “atrasos” de uma recepção gramsciana no mundo árabe não devem ser enfatizados em demasia.

Neste sentido, concordamos com Tahar Labib que aponta que, “quaisquer que sejam suas vicissitudes, o itinerário de um Gramsci sem gramscismo, um Gramsci evocado como uma falta, e depois um catalisador de questões que o recordam, nunca deve dar a impressão generalizada e excessiva de um atraso árabe” (LABIB, 1994, p. 37), já que este atraso - como sabemos - é generalizado, mesmo em um contexto europeu.

Pelo contrário, a importância do papel assumido pelo mundo árabe, na redescoberta das categorias fundamentais gramscianas, foi destacada há algumas décadas: o sociólogo Franco Ferrarotti, em sua revisão do citado volume *Gramsci dans le monde arabe*, escreve:

É bastante inacreditável que precisamente do mundo árabe, para o qual apenas notações esporádicas e limitadas são encontradas em Gramsci, um discurso sério deveria surgir a respeito da concepção que Gramsci tem dos intelectuais e do conceito de hegemonia, ligado com o da sociedade civil.



É também impressionante que entre os intelectuais árabes, a ideia de que existe uma incompatibilidade radical entre algumas categorias fundamentais de Gramsci e o marxismo ortodoxo, que, de fato, entre Gramsci leal às diretrizes estalinistas [...] e Gramsci real há uma contradição irremediável (FERRAROTTI, 1996, p. 360).

#### 4. COMO LER O PROCESSO PÓS-REVOLUCIONÁRIO

Nos anos 2000, em continuidade com as décadas anteriores, a produção acadêmica sobre o pensamento de Gramsci em árabe, e em línguas europeias, por estudiosos de língua árabe e estudiosos de diferentes origens, que trabalham em países árabes, cresceu consideravelmente. Gramsci continua sendo lido, principalmente em tradução, especialmente do inglês (e do francês), raramente em italiano, e apenas em parte do árabe, cujas traduções são esporádicas e muitas vezes consideradas imprecisas. Existem, portanto, diferentes níveis de compreensão, interpretação e aplicação de seu pensamento. A abundante literatura secundária tem, entretanto, facilitado o trabalho de tradução e tradutibilidade dos conceitos, mesmo na ausência de traduções completas dos escritos de Gramsci.

Além da língua de leitura e de publicação por parte dos autores árabes, é também relevante a análise do período de publicação como observado nos parágrafos anteriores, que destaca não apenas a tendência de difusão do conhecimento dos escritos de Gramsci, mas também as características específicas do contexto no qual eles são traduzidos, estudados e aplicados. Isto responde nossa pergunta inicial: quem, quando e como usa Gramsci para aprofundar a análise dos países árabes?

Entre as primeiras gerações de estudiosos e estudiosas do pensamento gramsciano e marxista, há muitos autores que ainda hoje publicam e são uma referência para a geração mais jovem. Pense em Tahar Labib, Faysal Darraj, Ali el-Kenz (m. 2020), Gilbert Achcar, Fawwaz Traboulsi, Aziz Krichen<sup>16</sup>. Beirute e Tunísia, junto com Cairo e Damasco, têm sido os principais centros de reflexão cultural, da análise crítica e da experiência política no âmbito marxista ou socialista/comunista, e continuam a sê-lo de diferentes maneiras junto com outras cidades árabes.

<sup>16</sup> No volume *Gramsci nel mondo arabo. Studi gramsciani nel mondo*, a cura di P. MANDUCHI, A. MARCHI, G. VACCA, Bologna, Il Mulino, 2017, há comentários e traduções de ensaios de alguns dos autores árabes que discutimos.



Dentro do GramsciLab - Centro Interdepartamental de estudos internacionais gramscianos da Universidade de Cagliari -, elaboramos mapas bibliográficos que fornecem uma visão geral da produção acadêmica de inspiração gramsciana nos e sobre países árabes<sup>17</sup>. Verifica-se que as editoras árabes ocupam um papel menor do que no passado, em contraste com as publicações de circulação internacional que se espalham cada vez mais dos centros ocidentais de produção acadêmica e intelectual, portanto predominantemente em inglês.

A literatura acadêmica sobre Gramsci em árabe parece pouco frequente, mas sempre a divulgação é feita através de algumas plataformas, blogs ou revistas online (às vezes até revistas universitárias locais), algumas das quais são especificamente dedicadas à Gramsci ou publicam ensaios relacionados. Por exemplo, o site [www.ahewar.org](http://www.ahewar.org) publica diversos artigos em árabe, analisando o pensamento da Gramsci.

Embora o impacto do conhecimento de Gramsci sobre o público árabe/arabófono provavelmente permaneça marginal, a circulação online de material gramsciano, entre militantes e ativistas, oferece um elemento encorajador de reflexão.

## 5. PARA UMA ANÁLISE DOS “ESTADOS SUBALTERNOS”

Assim como, em certo sentido, em um Estado, a história é a história das classes dominantes, assim, no mundo, a história é a história dos estados hegemônicos. A história dos estados subalternos é explicada pela história dos estados hegemônicos (GRAMSCI, Q15, §5, p.1759).

Nos anos mais recentes, os títulos em árabe que tratam de categorias gramscianas são poucos e tocam em particular a análise de Said e Foucault, os intelectuais e a pedagogia, temas também tratados em revistas não acadêmicas. Além disso, encontramos algumas traduções árabes de escritos gramscianos, do inglês (sobre o Risorgimento, unidade da Itália e escritos sobre materialismo histórico), pelo historiador libanês e

---

<sup>17</sup> Uma bibliografia completa sobre os autores árabes e não árabes que utilizam Gramsci, pode ser vista na página do site na internet do GramsciLab: <<https://gramscilab.com/bibliomaps-project>>.

militante Fawwaz Traboulsi para a editora al Mutawassit, fundada em Milão em 2015 por Khaled Soliman al-Nassiry, de origem palestina<sup>18</sup>.

Após 2011, o uso de Gramsci é cada vez mais explicitamente aplicado aos países árabes e às análises políticas nacionais e regionais. Diversas monografias e artigos acadêmicos com análises gramscianas dos países árabes foram publicadas por prestigiosas editoras européias e americanas, desde Stanford até Palgrave e Routledge. Gilbert Achcar, Sameh Naguid, Mohammad Bamyeh, Hazem Kandil, Fadi A. Bardawil, Bassel F. Salloukh, Sara Salem, Yasser Munif, Baccar Gherib, figuram entre os escritos mais fecundos sobre a situação política dos países árabes. Nas universidades nos EUA, Canadá e Europa trabalham estudiosos como Gilbert Achcar e Hazem Kandil (Reino Unido), Fadi Bardawil, Yasser Munif, Yaseen Noorani, Asef Bayat (EUA), que usam o léxico político marxista e gramsciano.

Os contextos sociopolíticos mais recentes são lidos em termos de revolução (passiva) e resistência, fenômenos mórbidos, hegemonia, intelectuais orgânicos, cultura, até movimentos islâmicos e ao confessionalismo arraigado em alguns países (principalmente no Líbano). Vários autores, especialmente europeus, focalizaram bastante as revoltas de 2011 e suas consequências e possibilidades futuras, examinando as forças contrarrevolucionárias, o cesarismo, as formas de revolução passiva, as práticas de contestação cotidiana, a composição da sociedade civil e a economia liberalista. Os países mais estudados nesta pesquisa são Egito, Tunísia, Líbano, Palestina, Jordânia e, mais recentemente, também Arábia Saudita e alguns países do Golfo.

Mais do que análises filológicas de textos gramscianos, surgem reflexões em torno de certos conceitos-chave, ou a partir destes, novas maneiras de interpretar as realidades árabes. Análises da estrutura geopolítica nacional e regional, bem como internacional, estão presentes para tentar interpretar as razões dos problemas de vários tipos, tanto estruturais como contingentes, também para elaborar novas perspectivas para a superação da crise.

<sup>18</sup> Ver o site na internet <<https://mutab.it>>.

A imersão ou envolvimento de muitos autores em contextos “pós-coloniais”, ou em reflexões sobre “decolonialidade”, muitas vezes por aqueles que vivem/trabalham no exterior, agora estimula a leitura de revolucionários como Gramsci. Vários pesquisadores são abertamente marxistas, ou utilizam leituras marxistas sobre a história material, como sobre processos de subjetivação e participação política. Não raro, Gramsci é lido ao lado de outros autores (Fanon, Foucault, Said), devido à ligação inescapável com contextos ex-coloniais e com formas de capitalismo e política, desenvolvidos durante o período colonial, portanto sob ocupação, gerando aquele capitalismo dependente e subalterno, fonte de intrincadas problemáticas (AMIN, 2016).

Gramsci retorna, assim, a animar debates e reflexões sobre o passado e o presente. Em Tunísia, em 29 de março de 2017, a Fundação Rosa Luxemburgo e a Universidade de Jendouba organizaram uma jornada de estudo intitulada *Le retour de Gramsci?* por ocasião do 80º aniversário da morte do pensador sardo, envolvendo acadêmicos (incluindo GramsciLab) e ativistas da sociedade civil tunisiana<sup>19</sup>.

Permanecem as categorias gramscianas mais gerais: intelectuais, sociedade civil, hegemonia do Estado autoritário e contra-hegemonia, tanto da frente islâmica como do exército e dos militares, dominação e consenso (BUTKO, 2004; NOORANI, 2010; KANDIL, 2011, MERONE, 2021). Conceitos que, por sua vez, são revisitados, não apenas de uma perspectiva marxista, para serem aplicados a contextos específicos, ainda mais na fase pós-2011. O “gramscismo” agora passa pelas ciências políticas e sociais e análises dos países árabes, e isto também é evidente na diáspora.

## 6. A REVOLUÇÃO CONTÍNUA?

Como já observado, o interesse pelo pensamento político de Antonio Gramsci nos países do MENA se amplia, particularmente após as revoltas de 2011, inspirando uma

<sup>19</sup> Sobre a Tunísia indicamos o seminário: *Gramsci, la culture et les intellectuels* organizzato il 25 marzo 2008 a Tunisi dalla rivista «Attariq al-jadīd» [La nuova via]. Informações sobre o seminário podem ser encontradas no site <http://attariq.org/spip.php?article6> (último acesso em 3 de dezembro de 2021). Um novo trabalho, resultado de um projecto de investigação e intercâmbio entre a Universidade de Cagliari e a Universidade de Jendouba em Tunes, foi publicado por Carocci em 2019, editado por P.MANDUCHI e A. MARCHI: *A lezione da Gramsci. Democrazia, partecipazione politica, società civile in Tunisia*.

multiplicação de estudos e publicações de autores árabes e não-árabes que se ocupam do Oriente Médio.

O léxico gramsciano é cada vez mais utilizado para identificar e definir o alcance revolucionário das revoltas que eclodiram em 2011, que foram, no entanto, o resultado de um processo mais longo de contestação de vários estados árabes e do sistema de governo (*nizām*) (MARCHI, 2014). Os sucessos ou fracassos da revolução de 2011 são, no entanto, lidos à luz da conhecida categoria de “hegemonia”, ou seja, analisando o tipo de direção, através da qual o Estado exercita ou coerção e dominação - destacando assim seus limites intrínsecos - ou quando, ao invés disso, veicula o consenso das massas.

Numerosos pesquisadores europeus com lentes gramscianas elaboraram interpretações da “revolução” 2011 e, especialmente, de sua fase sucessiva: assim Roberto Roccu, autor de *The Political Economy of the Egyptian Revolution: Mubarak, Economic Reforms and Failed Hegemony*, Palgrave MacMillan, 2013, retirado de sua tese de doutorado; ou Brecht de Smet que com sua *Gramsci on Tahrir: Revolution and Counter-Revolution in Egypt* (Pluto Press 2015), que analisa as revoltas egípcias explorando o conceito gramsciano de “cesarismo” e a falta de hegemonias fortes. Seu texto desencadeou um debate animado entre estudiosos e estudiosas, incluindo aqueles que observaram que a análise de classe, ou dos subalternos, estava pouco desenvolvida neste reconhecido e importante trabalho (ROCCU, 2018; SALEM, 2018).

Outras publicações examinam mais o papel das massas “subalternas”, do subproletariado urbano e rural, mas a análise de Gramsci também diz respeito, em parte ao islamismo político, em particular o dos Irmãos Muçulmanos e sua “guerra de posição”, ou seja, suas tentativas hegemônicas de conquistar a sociedade civil, mas também o transformismo pragmático com o qual entraram no jogo político (KANDIL, 2011; GERVASIO, TETI, 2013; MERONE, 2021; MIRSHAK, 2021).

Após várias reuniões sobre o assunto, como a conferência “Gramsci e o Mundo Árabe” organizada em Bari no 80º aniversário da morte de Antonio Gramsci<sup>20</sup> – sentiu-se a necessidade de tornar este

<sup>20</sup> Conferência organizada pela Universidade de Bari e pela Fundação Gramsci de Roma, em colaboração com o Centro de Estudos Internacionais Gramsci (GramsciLab) de Cagliari e a

conhecimento coletivo, que até recentemente ainda era fragmentário, mais sistemático. Isto deu origem a dois números monográficos das revistas *Journal of North African Studies* (JNAS, editada por G. GERVASIO e P. MANDUCHI) e *Middle East Critique* (MEC, editada por J. CHALCRAFT e A. MARCHI), ambas publicadas em 2021, que aprofundaram as contribuições apresentadas na conferência. A edição especial da revista MEC incluiu contribuições de Gilbert Achcar, sobre o tema da corrupção nos países árabes; de John Chalcraft sobre a fraqueza revolucionária após 2011; de Michele Filippini sobre as formas da *Travelling Theory*; por Michaëlle Browers sobre a *New Arab Left* Libanesa; por Hicham Safieddine sobre Mahdi Amel, apelidado de ‘Gramsci Árabe’, e sobre o nexos entre colonialismo e sectarismo no Líbano; por Alessandra Marchi sobre o conceito gramsciano de ‘molecular’ aplicado às lutas e transformações generalizadas que estão ocorrendo. Esta edição da JNAS incluiu contribuições de Gennaro Gervasio e Andrea Teti sobre ativistas independentes e seu papel como intelectuais orgânicos; de Patriza Manduchi sobre a crise de hegemonia do Estado no Egito e na Tunísia; de Fabio Merone sobre o Islã político na Tunísia; de Baccar Gherib sobre a transição tunisiana entre hegemonia e revolução passiva; de Brecht de Smet sobre o domínio do Estado sobre a iniciativa popular.

As análises dos contextos colonial e pós-colonial, em termos (neo) gramscianos, destinam-se a explicar os processos de formação das classes dirigentes, possíveis projetos (contra)hegemônicos e (contra)revolucionários, do nasserismo aos anos mais recentes (SALEM, 2020; NAGUIB, 2021), até as contínuas manifestações de dissidência e contestação, das formas de soberania constituídas e prolongadas, desde as independências. A replicação do dissenso, registrada por vários estudos, mostra elementos de resistência generalizada que persistem, apesar da repressão governamental. Após alguns anos de aparente refluxo, entre 2018 e 2019, de fato reexplodiram revoltas e protestos de gerações inteiras, especialmente de jovens, que contestaram a gestão de uma cada vez mais profunda crise orgânica, econômica e social.

Uma nova onda revolucionária envolveu, não apenas os países que primeiro se levantaram contra seus respectivos regimes, como Tunísia, Egito, Líbia e Síria, mas, nos últimos anos, especialmente o Iraque, Líbano, Argélia e Sudão, com caminhos e resultados diferentes. Além disso, a crise econômica e social de um país como o Líbano de hoje, mas também como a Tunísia, atingida pela pandemia e pela crise

---

Sociedade Internacional Gramsci (IGS), de 30 de novembro a 1 de dezembro de 2017. Anteriormente, em 27 e 28 de abril de 2017, a conferência *Um século de revoluções. Caminhos gramscianos no mundo*, com uma sessão dedicada ao Oriente Médio.

governamental<sup>21</sup>, só para mencionar alguns exemplos, mostram as inter-relações sempre em ação entre o neoliberalismo e a gestão política, que as massas subalternas lutam para conter.

Em resumo, há uma regeneração contínua da ação generalizada e plural, não passiva, nem definitivamente rendida. Os obstáculos encontrados ao longo do tempo estão na capacidade de dar organicidade às batalhas revolucionárias, já que, apesar do ativismo plural, em muitos contextos as classes dominantes conseguem sufocar os protestos, enfraquecer e fragmentar a vontade coletiva e o campo revolucionário. O fato interessante é que eles têm que fazer isto constantemente, em resposta à contínua e manifesta capacidade de resistência e transformação destas mesmas subjetividades ao longo do tempo, e isto pode ser lido como um sinal encorajador para estruturar mais lutas políticas (AMIN, 2016; GERVASIO, TETI, 2021). Outras chaves de interpretação ainda podem vir da expansão do léxico gramsciano.

## 7. TRANSFORMAÇÕES CONTÍNUAS E DESCONTÍNUAS

No Caderno 14, Gramsci escreve: “Contudo, a história, em seu esboço geral, é feita sobre a lei escrita: quando surgem novos fatos que invertem a situação, perguntas vãs são feitas, ou, pelo menos, falta o documento de como a mudança foi preparada ‘molecularmente’, até que ela explodiu em mudança” (GRAMSCI, Q14, §64, p.1724). Com esta sugestão de método, Gramsci ajuda a compreender a formação da vontade coletiva daqueles grupos e classes sociais subalternos, que contestam o poder constituído (MARCHI, 2021).

Para entender como e até que ponto as formas de resistência se espalham, é importante traçar todo tipo de ato e fato histórico que como um todo pressagia uma transformação, embora molecular, como escreveu Gramsci. A elaboração de mapas bibliográficos também nasceu com o objetivo de estudar esse inventário de traços sedimentados para formar vontades coletivas, processos de subjetivação política,

<sup>21</sup> A 25 de Julho de 2021, a Tunísia viveu o que vários observadores descreveram como um "golpe de Estado constitucional" às mãos do Presidente Kais Saied, saudado em vez disso por amplas massas no país como o resultado da vontade do povo.

construção de novas lideranças e lutas que contribuem para organizar massas inteiras e que podem dar origem à transformação das existentes.

Uma conquista importante das ‘revoluções’ no Egito e na Tunísia, mas também em outros países árabes, especialmente após o momento de galvanização de 2011, continua sendo a aquisição de uma consciência histórica, da possibilidade de poder derrubar um regime e provocar mudanças, apesar das dificuldades e da rápida desilusão (BARDAWIL, 2020).

Muitas análises, acadêmicas e políticas, falam de uma percepção generalizada da derrota, do fracasso e dos resultados contrarrevolucionários. O uso da força e a repressão da dissidência, por aqueles governos que não encontram um verdadeiro consenso popular, mostram o quanto o ‘sistema’ - político, social, econômico - está de fato sendo progressivamente minado e quão longe, mas não inalcançável, está o objetivo final de qualquer caminho revolucionário.

## REFERÊNCIAS

AMIN, Samir. **The Reawakening of the Arab World. Challenges and Change in the aftermath of the Arab Spring.** New York, Monthly Review Press, 2016.

BARDAWIL, Fadi A. **Revolution and Disenchantment. Arab Marxism and the Binds of Emancipation.** Durham, Duke University Press, 2020.

BROWERS, Michaelle L. “Il dibattito sul concetto di società civile nel mondo arabo”. In VACCA, Giuseppe, SCHIRRU Giancarlo (eds.). 2000-2005. **Studi gramsciani nel mondo.** Bologna, Il Mulino, 2007, p. 79-118.

BROWERS, Michaelle L. Beginnings, Continuities and Revivals: An Inventory of the New Arab Left and an Ongoing Arab Left Tradition. **Middle East Critique.** Vol. 30, n. 1, 2021, p. 25-40.

BUTKO, Thomas J. Revelation or Revolution: A Gramscian Approach to the Rise of Political Islam. **British Journal of Middle Eastern Studies.** Vol. 31, n. 1, 2004, p. 141-162.



- CHALCRAFT, John, MARCHI, Alessandra. Guest Editors' Introduction: Gramsci in the Arab World. **Middle East Critique**. Vol. 30, n. 1, 2021, p. 1-8.
- EL-KENZ, Ali. "Gramsci e gli arabi, un incontro tardivo?". In MANDUCHI, Patrizia, MARCHI, Alessandra, VACCA, Giuseppe (eds). **Gramsci nel mondo arabo. Studi gramsciani nel mondo**. Bologna, Il Mulino, 2017, p. 213-223.
- GERVASIO, Gennaro. **Al-Haraka al-marksiyya fi Misr, 1967-81**. Cairo, al-Markaz al-Qawmilil-Tarjama, 2010.
- GERVASIO, Gennaro, TETI, Andrea. "Fratelli Musulmani e la rivoluzione di gennaio: fra tentazione egemonica e neoautoritarismo". In CAMPANINI, Massimo (ed.). **Le rivolte arabe e l'Islam. La transizione incompiuta**. Bologna, Il Mulino, p. 147-69.
- GERVASIO, Gennaro, MANDUCHI, Patrizia. Introduction: reading the revolutionary process in North Africa with Gramsci. **The Journal of North African Studies**. Vol. 26, n. 6, 2021, p. 1051-56.
- GERVASIO, Gennaro, TETI, Andrea. Prelude to the revolution. Independent civic activists in Mubarak's Egypt and the quest for hegemony. **The Journal of North African Studies**. Vol. 26 n. 6, 2021, p. 1099-1121.
- GRAMSCI, Antonio. **Quaderni del carcere**. Edizione critica dell'Istituto Gramsci (a cura di Valentino Gerratana). Einaudi, Torino, 1975, 4 voll.
- GUIRGUIS, Laure (ed.). **The Arab Lefts: Histories and Legacies, 1950s to 1970s**. Edinburgh, Edinburgh University Press, 2020.
- JABAR, Abdel Faleh (ed.). **Post-Marxism and the Middle East**. London, Saqi Books, 1997.
- KANDIL, Hazem. Islamizing Egypt? Testing the limits of Gramscian counterhegemonic strategies. **Theory and Society**. Vol. 40, n. 1, 2011, p. 37-62.
- KEPEL, Gilles. **La revanche de Dieu: Chrétiens, juifs et musulmans à la reconquête du monde**. Paris, Seuil, 1991.
- LABIB, Tahar. Dars Ghramshi. **al-Karmal**, n. 2 (1981), p. 115-121 (Tr. It. "La lezione di Gramsci". In MANDUCHI, Patrizia, MARCHI, Alessandra (eds). **A lezione da Gramsci. Democrazia, partecipazione politica, società civile in Tunisia**. Roma, Carocci, 2019, p. 35-42.

LABIB, Tahar. “Gramsci dans le discours des intellectuels arabes”. In BRONDINO, Michele, LABIB, Tahar (eds). **Gramsci dans le monde arabe**. Tunis, Alif Les Editions de la Méditerranée, 1994, p.13-39.

MANDUCHI, Patrizia. “Antonio Gramsci e il dibattito intellettuale nel mondo arabo contemporaneo”. In P. MANDUCHI, Patrizia, BALDUSSI, Annamaria (eds). **Gramsci in Asia e in Africa**, Cagliari, Aipsa edizioni, 2010, p. 127-151.

MANDUCHI, Patrizia, MARCHI, Alessandra, VACCA, Giuseppe (eds). **Gramsci nel mondo arabo. Studi gramsciani nel mondo**. Bologna, Il Mulino, 2017.

MANDUCHI, Patrizia. “Intellettuale, società civile, egemonia nel mondo arabo: la lezione di Gramsci”. In MANDUCHI, Patrizia, MARCHI, Alessandra, VACCA, Giuseppe (eds). **Gramsci nel mondo arabo. Studi gramsciani nel mondo**. Bologna, Il Mulino, 2017, p. 23-47.

MANDUCHI, Patrizia. “Gramsci in the Arab World. The ongoing debate”. In JAMESON Frederic, DAINOTTO Roberto (eds). **Gramsci in the Arab World**. Durham, Duke University Press, 2019, p. 325-349.

MANDUCHI, Patrizia. “Between old and new epistemological paradigms: Gramscian readings of revolutionary processes in Egypt and Tunisia”. In Gramsci and the Uprisings in North Africa. **The Journal of North African Studies**. Vol. 26, n. 6, 2021, p. 1057-1076.

MARCHI, Alessandra. “*Al-thawra mustamirra*: la rivoluzione continua. I movimenti d’opposizione egiziani tra successi e sconfitte”. In MANDUCHI, Patrizia (ed.). **I movimenti giovanili nel mondo arabo mediterraneo. Dalle indipendenze nazionali a oggi**. Roma, Carocci, 2014, p.153-186.

MARCHI, Alessandra. Molecular Transformations: Reading the Arab Uprisings with and beyond Gramsci. **Middle East Critique**. Vol. 30, n. 1, 2021, p. 67-85.

MERONE, Fabio. Analysing revolutionary Islamism: Ansar al-Sharia Tunisia according to Gramsci. **The Journal of North African Studies**. Vol. 26 n. 6, 2021, p. 1122-1143.

MIRSHAK, Nadim. **The Muslim Brotherhood in Egypt: A Gramscian re-examination.** Current Sociology. September 2021.

DOI:[10.1177/00113921211039273](https://doi.org/10.1177/00113921211039273)

NAGUIB, Sameh. Egypt's unfinished revolution. Egypt since the fall of Mubarak. **ISR, International Socialist Review.** n. 79, 2021 <<https://isreview.org/issue/79/egypts-unfinished-revolution>> (acesso 1 novembre 2021).

NOORANI, Yaseen. **Culture and Hegemony in the Colonial Middle East.** London, Palgrave Macmillan, 2010.

ROCCU, Roberto. Again on the revolutionary subject: problematising class and subalternity in *Gramsci on Tahrir*. **Review of African Political Economy.** Vol. 45, n. 155, 2018, p. 104-14.

SALEM, Sara. Critical interventions in debates on the Arab revolutions: centring class. **Review of African Political Economy.** Vol. 45, n. 155, 2018, p. 125-34.

SALEM, Sara. **Anticolonial afterlives in Egypt: The Politics of Hegemony.** Cambridge University Press, 2020.

TAREQ, Ismael. **The Communist Movement in the Arab World.** New York, Routledge Curzon, 2005.

*Recebido em 12 de maio de 2023*

*Aceito em 13 de agosto de 2023*

*Editado em novembro de 2023*